

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha de São Paulo*

Class.: 34

Data: 28 de Dezembro de 1986

Pg.: A-19

# Bouterse resiste à pressão da guerrilha no Surinã

Banco de Dados - 20 Dez. 86

**NEWTON CARLOS**

Da equipe de analistas da Folha

Não se confirmaram as previsões de "fontes de inteligência" do Ocidente, de que até o final do ano estaria fora do poder o coronel Desi Bouterse, do Surinã. O Exército de dois mil homens de Bouterse conseguiu evitar que guerrilheiros (entre quinhentos e seiscentos) tomassem Paramaribo, capital do país, ex-colônia da Holanda, independente desde 1975. As lutas estão agora confinadas à parte oriental do Surinã, reduto da população negra, o que pode transformar o conflito em uma guerra racial.

O Brasil corre o risco de ser parte do conflito. Com a justificativa de que é preciso "encorajar" Bouterse a não se entregar a Cuba, o governo brasileiro já deu ao Surinã créditos US\$ 70 milhões. A operação começou em 1983, no governo do general João Figueiredo, por decisão do Conselho de Segurança Nacional. Parte dos créditos foi usada na compra de armas, munições e uniformes militares. Os guerrilheiros já forçaram a descida de um helicóptero brasileiro operando no Surinã e ameaçam com ataques na fronteira com o Brasil.

Bouterse foi nomeado comandante do Exército do Surinã em 1981 e um ano depois tomou o poder. No final de 1982 quinze oponentes do regime militar, controlado por Bouterse e os sargentos do Movimento Revolucionário 25 de Fevereiro, foram assassinados. Estavam presos e tentavam fugir, segundo Bouterse. Assassinato a sangue frio, segundo fontes ocidentais. Holanda e Estados Unidos cortaram toda ajuda ao Surinã. A situação do país tornou-se crítica, tanto econômica como política. O regime fechou-se mais, endureceu mais e se voltou para os expedientes de sempre, como Cuba e Líbia. Em 1983 o Brasil entrou em cena, dizendo que era preciso proteger suas fronteiras.

Em abril de 1983, a revista "Business Week", dos Estados Unidos, escreveu que o Surinã se transformava em porto da Líbia na América Latina, como parte de uma "aliança radical antiamericana em montagem no Caribe por Cuba e União Soviética". O último relatório do Departamento de Estado norte-americano sobre a situação política no continente cita o Surinã como "a terceira ditadura da América do Sul". As outras duas são Chile e Paraguai. Em agosto, treze mercenários foram presos nos Estados Unidos quando planejavam invadir o Surinã e tomar o poder. Um porta-voz do Departamento de Estado, William Moore, declarou: "Consideramos que os problemas do Surinã poderão solucionar-se se o governo se encaminha de modo decidido na direção de um verdadeiro processo democrático".

O Exército de Libertação Surinamês (ELS) executou sua primeira ação armada a 22 de julho deste ano. Atacou um posto do Exército. São os guerrilheiros do tenente Ronnie Brunswick, ex-membro da guarda pessoal de Bouterse. A 28 de julho Brunswick disse que o ataque teve o objetivo de "marcar a intensificação da luta contra o regime de Bouterse". A prisão dos mercenários norte-americanos em agosto foi logo vinculada por Bouterse à ação do ELS. Brunswick fazia viagens ao exterior, sobretudo à Holanda, com passaporte falso e transitando pela Guiana Francesa. Uma operação bem ampla.

### Rede

Em sua declaração de 28 de julho, o ELS afirmou que o objetivo das ações guerrilheiras é "restabelecer o regime constitucional" derrubado em fevereiro de 1982. Na Holanda vivem duzentos mil surinameses, a metade da população do Surinã. Entre eles está o ex-primeiro-ministro Jules Sedney. Também estão entre eles políticos conservadores como Andre Hakmat e Paulo Somohardjo. Todos



Brunswijk (à dir.) lidera uma coluna de guerrilheiros na selva do Surinã

declararam apoiar o ELS. Hakmat se diz porta-voz da guerrilha.

O ELS também recebe ajuda de grupos de direita dos Estados Unidos. Há informações de apoio de franceses, por meio da Guiana Francesa. A França estaria "ressentida" com Bouterse por causa de cobertura do regime surinamês a movimentos separatistas de Guadalupe e Martinica, departamentos da França no Caribe oriental. Os serviços de inteligência dos Estados Unidos continuam afirmando que "terroristas libios entram e saem de Paramaribo à vontade". Uma farta e complicada

rede de pressões e interesses contrários.

Em outubro, Bouterse tentou conseguir algum alívio. Seu ministro das Finanças, Subhes Chandra Mungra, foi a Washington, capital norte-americana, conversar com funcionários do Fundo Monetário Internacional (FMI). Promessas de redução do déficit público etc. Quatro anos sucessivos de quedas do produto nacional bruto provocaram baixas a níveis de 1976. Sabendo da avidez do Surinã por dólares (o déficit orçamentário deste ano é de US\$ 111 milhões) os mercenários presos pretendiam entrar no país com banquei-

## Refugiado denuncia massacre de civis

Do "Reuter"

Tropas surinamesas mataram pelo menos 36 mulheres, crianças e velhos em operações de busca aos guerrilheiros do Exército de Libertação do Surinã, mês passado, na fronteira com a Guiana Francesa.

A informação foi divulgada ontem por refugiados surinameses na cidade de St. Laurent du Maroni, Guiana Francesa. O governo surinamês nega as acusações de massacres contra a população civil.

Mais de 5,5 mil pessoas já cruzaram o rio Marowijne, que divide os dois países, em sua maioria negros descendentes de ex-escravos africanos, que formam uma comunidade de cinquenta mil pessoas, vivendo na fronteira.

Os soldados leais ao presidente Desi Bouterse conseguiram, nos últimos dias, desalojar os guerrilheiros liderados pelo ex-sargento Brunswijk que ocupavam a cidade de Moengo, a leste do Surinã.

ros dispostos a emprestar trezentos milhões de dólares.

Bouterse fez acordo com as multinacionais Suralco e Billinton, subsidiária da Shell, para a recuperação da produção de bauxita, matéria-prima do alumínio. Promessa de investimentos entre US\$ 150 e US\$ 160 milhões nos próximos cinco anos. Em troca, o regime surinamês deve eliminar "de modo virtual" os impostos que cobra pela exploração de bauxita. E reduzir de 4.300 para 2.700 a força de trabalho empregada na exploração. Bouterse consegue sobreviver. Mas impensado por todos os lados.